

>ASADOYA YUNTA: DA RESISTÊNCIA AO AMOR PELO COLONIZADOR

GABRIELA SHIMABUKO

> Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

RESUMO >

Músicas folclóricas comumente expressam sentimentos generalizados entre aqueles que as criam e interpretam: ora transmitem o espírito de celebrações e rituais, ora articulam sofrimento e resistência política. *Asadoya Yunta*, das ilhas Yaeyama (Okinawa), é um exemplo de insatisfação popular para com as empreitadas colonizadoras conduzidas pelo Japão, particularmente no século XIX; mas, quando é traduzida para o japonês, a temática anticolonialista desaparece, dando lugar a uma canção de amor, inofensiva em seu conteúdo. Assim, este trabalho procura demonstrar, através do estudo de caso de *Asadoya Yunta*, como a retirada de elementos contextuais de textos criativos serve um propósito estratégico em relações de poder assimétricas, esvaziando o texto de sentido e despolitizando seu significado.

PALAVRAS-CHAVE >

Apropriação Cultural; Colonialismo; Okinawa; Línguas de Ryukyu.

>ASADOYA YUNTA: DA RESISTÊNCIA AO AMOR PELO COLONIZADOR

GABRIELA SHIMABUKO

> gabrielashimabuko@gmail.com

Estudante de graduação em Ciências Sociais
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

1 Introdução

Este estudo de caso pretende inserir, de forma introdutória, a “questão okinawana” no debate brasileiro ao instrumentalizar conceitos familiares à realidade latinoamericana – subalternidade, ação colonial, etc. – a uma leitura sobre o leste asiático, que, devido a barreiras culturais e linguísticas, é frequentemente enquadrado por orientalismos, defasagens históricas e falsas homogeneidades na concepção ocidental. Ademais, procura-se aprofundar as complexidades em torno dos textos estudados – duas versões da música *Asadoya Yunta* – no deslocamento territorial através de movimentos migratórios, criando novas possibilidades de produção de significado coletivo. Para analisar a relação das circunstâncias históricas em torno destes textos e seus respectivos significados, o artigo apoia-se na análise de discurso como proposta por Eni Orlandi (2003), na qual:

a questão a ser respondida não é o “o quê”, mas o “como”. Para responder, ela não trabalha com os textos apenas como ilustração ou como documento de algo que já está sabido em outro lugar e que o texto exemplifica. Ela produz um conhecimento a partir do próprio texto, porque o vê como tendo uma materialidade simbólica própria e significativa, como tendo uma espessura semântica: ela o concebe em sua discursividade (ORLANDI, 2003, p. 18).

Ademais, conta com a contribuição de Stuart Hall (2007), Edward Said (2003) e Homi Bhabha (1998) aos estudos culturais em torno de identidade e representação, pertinente à leitura sobre as circunstâncias históricas, disparidades de poder e marcadores da diferença em torno da identidade okinawana em seus contextos, assim como na contemplação dinâmica da realização transcultural desta identidade.

Além das intersecções teóricas entre estes autores e aqueles citados ao longo do artigo, este estudo foi informado e influenciado – direta ou indiretamente, em todas as suas fases – por conversas e trocas com meu avô, sr. Mayo Arakaki, atravessadas por temáticas importantes como história oral e dimensões de herança e potência política.

2 Contexto histórico e geográfico

As ilhas de Ryukyu localizam-se entre o sudoeste do Japão e Taiwan, estendendo-se por aproximadamente 1.100 quilômetros. Antes de sua anexação ao Japão e da criação da atual província de Okinawa em 1879, o arquipélago constituía o Reino de Ryukyu: um território independente assegurado por um sistema político, cultural e econômico próprio, que mantinha relações com a China desde 1372 e, durante os séculos XIV e XV, fora o principal ator no comércio marítimo no sudeste e leste asiático, funcionando como uma espécie de ponte entre redes de troca locais (OKAMOTO, 2010; McCORMACK; NORIMATSU, 2018).



Figura 1 – Mapa das ilhas de Ryukyu. Fonte: Wikimedia Commons. https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ryukyu_map.jpg.

Após a unificação do Japão e a tomada de poder por Ieyasu Tokugawa em 1603, o xogunato tenta reparar as relações com a dinastia Ming. No entanto, a proximidade geográfica do Japão ao Reino de Ryukyu, então estado tributário da China, interferia nas negociações que privilegiavam a agenda japonesa. Quando as negociações com o Reino de Ryukyu também falham, o domínio de Satsuma, feudo que competia com Ryukyu pelo controle das ilhas Amami e Tokara, recebe permissão do xogunato para invadir Ryukyu. A partir da vitória de Satsuma, o Reino de Ryukyu se torna um estado vassalo desse domínio, mas não passa por nenhum processo de assimilação, pois oferecia mais lucros a Satsuma como um país estrangeiro de “maneiras e costumes exóticos” (OKAMOTO, 2010, p. 7), dadas suas tradições culturalmente distintas do Japão (religiões, línguas, culinária, etc.) e sua contínua relação tributária com a China.

É apenas durante a Restauração Meiji, iniciada em 1868, que o Japão emprega políticas de assimilação. De acordo com o Atlas Mundial das Línguas em Perigo da UNESCO (2010), o arquipélago de Ryukyu abriga seis línguas diferentes, cada uma mutuamente ininteligível do japonês e entre si, além de 750 dialetos locais. Heinrich e Bairon (2007) distinguem cinco línguas, baseados “na ininteligibilidade mútua para com a variação [linguística] vizinha, refletindo os principais conjuntos de ilhas e identidades locais, e coincide com a classificação da Sociedade pela Revitalização da Língua Okinawana (Uchinaguchi fukyu kyogikai)” (p. 2):

| Região | Nome local da língua | “Arigato gozaimasu” |
|--------------|----------------------|---------------------|
| (1) Amami | Shimayumusa | Obukuridaryon |
| (2) Okinawa | Uchinaaguchi | Nifée debiru |
| (3) Miyako | Myakufutsu | Tandigatandi |
| (4) Yaeyama | Yaimamuni | Mifaiyu |
| (5) Yonaguni | Dunangmunui | Fugarassa |

Quadro 1 – Línguas de Ryukyu Fonte: Heinrich; Byron (2007, p. 3)

Todas as línguas estão em risco de extinção por conta de leis que as criminalizaram ou proibiram por muito tempo desde a anexação do Reino de Ryukyu ao Japão, tal qual outras práticas culturais tidas como “bárbaras” ou “não civilizadas” pelos parâmetros japoneses, como as tatuagens que mulheres faziam nas mãos (hajichi) e o xamanismo okinawano. Essa repressão foi um dos pilares ideológicos da construção do Estado-nação japonês, modernizado de acordo com o modelo westfaliano, unificado, internamente coeso e monolíngue (HEINRICH; BAIRON, 2007). Ademais, a adoção do direito internacional ocidental pela Restauração Meiji é, simultaneamente, uma ma-

neira de confrontar nações europeias e de disputa pelo controle da região com a China; isso permite que o Japão – aconselhado por especialistas ocidentais – alegue que as terras de Ezo (território indígena Ainu, hoje é a província de Hokkaido) e Ryukyu (hoje província de Okinawa) eram *terra nullius*, pois não estavam sob o governo efetivo do império chinês; portanto, o Japão poderia reivindicar soberania por ocupação. No entanto, o leste asiático não operava a partir da lógica utilizada pelo Japão, e a reivindicação japonesa sobre esses territórios foi dada a partir de acordos em termos desiguais e inferências. Mesmo pela ótica do direito internacional moderno, Uemura (2003) argumenta que a anexação de Ezo e Ryukyu viola o Artigo 51 da Convenção de Viena sobre Direito dos Tratados, sendo ilegítima sob qualquer métrica.

3 Etnicidade e descartabilidade

Embora o Japão seja retratado e percebido pelo “ocidente” enquanto uma nação homogênea, okinawanos¹ são frequentemente tratados como cidadãos de segunda classe em relação à etnia japonesa majoritária, Yamato, até os dias atuais (TANJI, 2012). No imaginário japonês, Okinawa é um “passado vivo” do Japão (SERED, 1999), como frequentemente povos indígenas são retratados pelo colonizador: atrasados, não civilizados e descartáveis. Ainda na memória histórica recente, o “sacrifício” de Okinawa na Segunda Guerra Mundial é um trauma que okinawanos – nacionais e diaspóricos – carregam através das gerações.

Nos três meses da Batalha de Okinawa em 1945, a população civil foi massacrada tanto por soldados japoneses e quanto estadunidenses, para evitar que as tropas inimigas chegassem ao Japão. Praticamente toda a população de Okinawa foi envolvida na batalha, forçada a cometer suicídios em massa e expropriada de suas casas e pertences para dar lugar a postos estratégicos. Crianças e adolescentes entre 14 e 19 anos foram convocados para servir o exército japonês como soldados e enfermeiras no Corpo Estudantil de Sangue e Ferro (*Tekketsu Kinnōtai*); mas, das 11.483 mortes de crianças com menos de 14 anos em batalha, 90% foram causadas por soldados japoneses que expulsaram crianças de cavernas (usadas como abrigos durante ataques). As mortes de civis okinawanos excederam 120 mil, aproximadamente um terço da população da época (McCORMACK; NORIMATSU, 2018).

Após a guerra, o acordo de paz firmado entre os Estados Unidos e o Japão prevê a presença de bases militares em território japonês, o que efetivamente transformou Okinawa (especialmente Uchinaa) numa colônia militar estadunidense. Até 1972,

¹ Ver glossário ao final do texto.

a província esteve sob administração americana. Mesmo após a reversão ao governo japonês, Okinawa continua sob ocupação militar; mais de 20% das terras de Uchinaa pertencem às Forças Armadas dos Estados Unidos, e a província de Okinawa comporta mais de 70% da presença militar em território japonês, embora represente apenas 0,6% do mesmo (KENSEI, 2008).



Figura 2 – Mapa de bases militares estadunidenses no Japão. Fonte: Wikimedia Commons. [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:US Military bases in Japan.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:US_Military_bases_in_Japan.jpg).

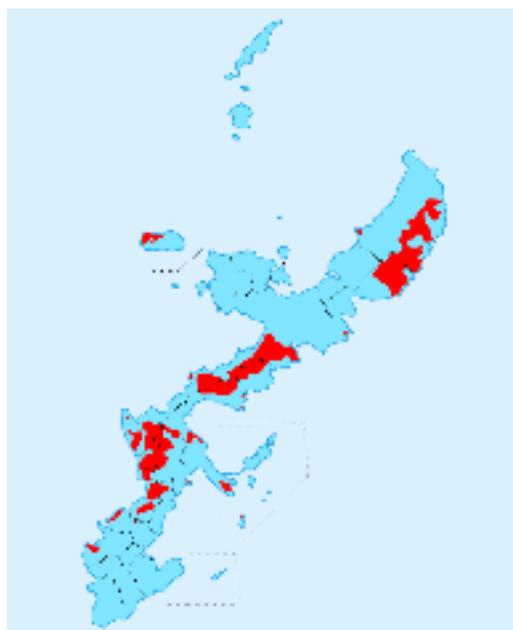


Figura 3 – Mapa das bases militares estadunidenses em Okinawa (Uchinaa). Fonte: Wikimedia Commons. [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:US military bases in Okinawa.svg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:US_military_bases_in_Okinawa.svg).

Embora a população local continuamente peça a retirada das bases militares de seu território – reivindicando desde a redistribuição mais equilibrada de bases pelo Japão, maior autonomia regional, a devolução total das terras ocupadas e expulsão da presença militar até a independência de Ryukyu (YOKOTA, 2017) –, tanto Tóquio quanto Washington excluem os okinawanos das negociações que os afetam diretamente. Assim, a distinção étnica entre okinawanos e japoneses (Yamatonchu) ainda circunscreve a voz de Okinawa à subalternidade.

4 *Asadoya Yunta*

As ilhas Yaeyama, de onde vem a canção *Asadoya Yunta*, abrigam uma das línguas de Ryukyu: o Yaimamuni, que é radicalmente diferente mesmo entre as culturas de Ryukyu. As ilhas Yaeyama são as mais próximas de Taiwan, afastadas até mesmo do que hoje se entende por Okinawa (Uchinaa); dessa forma, seus habitantes desenvolveram expressões culturais distintas e um forte senso de identidade local Shimanchu (GILLAN, 2008).

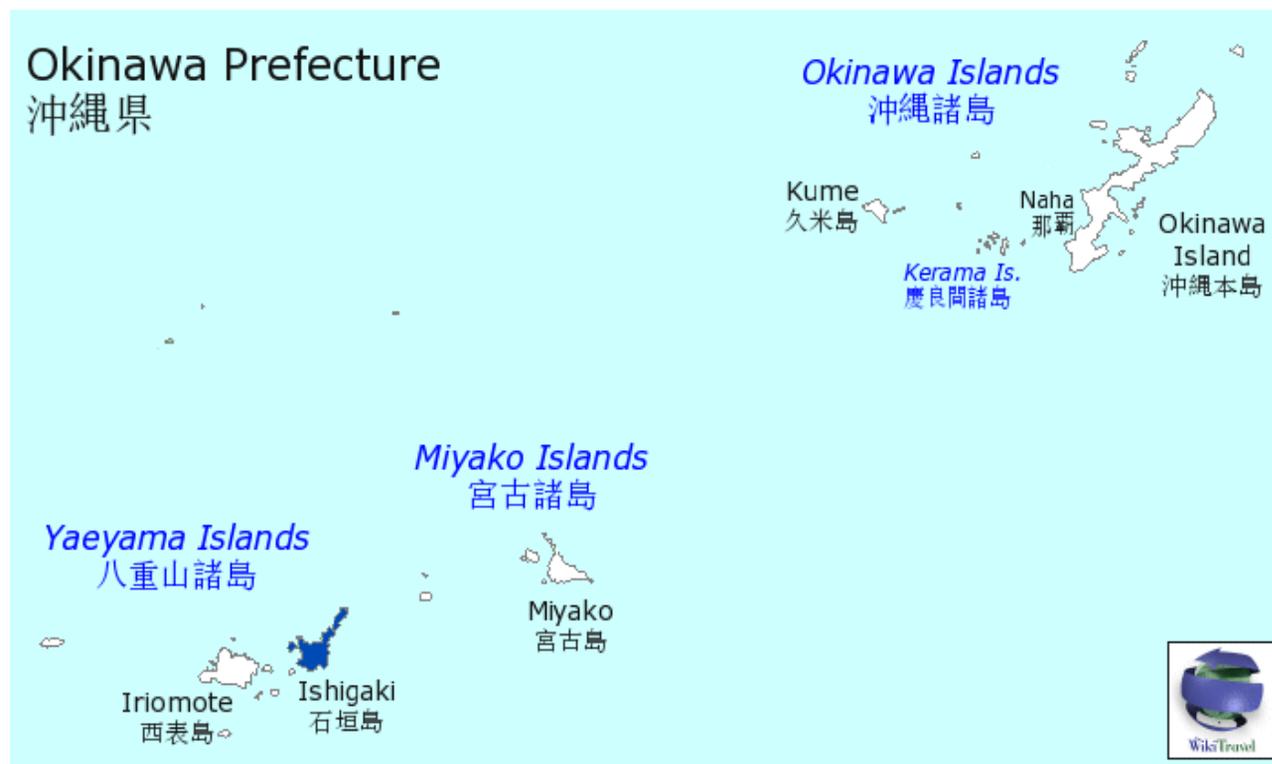


Figura 4 – Mapa das ilhas Yaeyama, em relação à ilha de Okinawa. Fonte: Wikimedia Commons. https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ishigaki_in_Okinawa_Map.gif.

Asadoya Yunta² é sobre uma mulher, Asadoya nu Kuyama, cuja beleza cativa um oficial do governo³, uma figura autoritária (NAKAYAMA, 2017). Dependendo da versão, são os pais de Asadoya nu Kuyama ou o chefe de sua vila⁴ que a oferece como “suborno” ao oficial; de qualquer forma, em todas as interpretações, o oficial pede Asadoya em casamento.

Na canção original, Asadoya rejeita o pedido e é celebrada como uma mulher valente, escolhendo viver feliz, mesmo que na pobreza. Ela despreza *ataryouya* – seja o chefe da vila ou seus pais – por ter prometido sua mão em casamento àquele homem. Isso simboliza uma ruptura com a tradição confucionista de piedade filial, filosofia que rege a hierarquização social no leste asiático e que fora transmitida a Okinawa através do contato com a China (KERR, 2000), e expressa insubordinação política perante uma autoridade “estrangeira”.

| Original | Romanização | Tradução |
|---------------------|-----------------------------------|-----------------------------------|
| サー 安里屋ぬ くやまにやう | Saa, Asadoya nu Kuyama ni yō | Ah, Asadoya Kuyama |
| サーユイユイ | Saa, yui yui | Saa, yui yui |
| あん美らさ 生りばしやう | Anchurasa maribashiyō | Ela nasceu tão linda |
| マタハーリヌ ツィンダラ カヌシャマヨ | Matahaari nu tsindara kanushamayo | Matahaari nu tsindara kanushamayo |
| サー 幼しゃから 美り生りばしい | Saa, imishakara afaari maribashii | Nascida tão linda, desde pequena |
| サーユイユイ | Saa, yui yui | Saa, yui yui |
| 小ゆさから 白さ産でいばしい | Kuyu sakara shiru sasudi bashii | Nascida pálida, desde pequena |
| マタハーリヌ ツィンダラ カヌシャマヨ | Matahaari nu tsindara kanushamayo | Matahaari nu tsindara kanushamayo |
| サー 目差主ぬ 乞ようたらやう | Saa, Mizasishuu nu kuyuutarayō | Ah, o pedido de Mizasishuu |
| サーユイユイ | Saa, yui yui | Saa, yui yui |
| 当親ぬ 望みよたやう | Ataryouya nu nuzumiyotayō | A esperança de seus pais |

2 Yunta é um tipo de música laboral, cantada no campo, durante e/ou sobre trabalhos manuais.

3 “Saa, yui yui” é uma interjeição musical, característica da música okinawana. MCCORMACK e NORIMATSU, 2018.

4 “Matahaari nu tsindara kanushamayo” não é Yaimamuni, japonês ou Uchinaaguchi; parece ser malaio: “matahari mu cintara kami sama-yo”, cuja tradução seria “o [seu] sol nos ama igualmente”.

| | | |
|---------------------|-----------------------------------|-----------------------------------|
| マタハーリヌ ツィンダラ カヌシャマヨ | Matahaari nu tsindara kanushamayo | Matahaari nu tsindara kanushamayo |
| サー 目差主や 我な否やう | Saa, Mizasishuu ya bananbayō | Rejeito Mizasishuu |
| サーユイユイ | Saa, yui yui | Saa, yui yui |
| 当親や くり嫌やう | Ataryouya ya kuriumuyō | Odeio meus pais |
| マタハーリヌ ツィンダラ カヌシャマヨ | Matahaari nu tsindara kanushamayo | Matahaari nu tsindara kanushamayo |

Quadro 2 – *Asadoya Yunta* em Yaimamuni Fonte: <https://plaza.rakuten.co.jp/machaguwa/2002/>. Romanização e tradução da autora. Revisão da romanização e tradução por Rodrygo Tanaka.

Em contrapartida, as versões cantadas em japonês padrão (*hyōjungo*) não demonstram tal sentimento. *Asadoya* no Kuyama – cujo nome sequer é citado – aceita o pedido de casamento de um homem de reputação questionável. Ela compara seu marido a um lírio branco, o que sugere gentileza e boas intenções; no entanto, ele parece não permanecer com sua esposa por muito tempo, provavelmente por conta de sua profissão. Ela o presenteia com um quimono para que ele não se esqueça do seu amor.

| Original | Romanização | Tradução |
|---------------------|---|---|
| さあ 君は野中の いばらの花か | Saa kimi wa nonaka no ibara no hana ka | Ah, minha esposa é uma flor numa cama de espinhos |
| サー ユイユイ | Saa yui yui | Saa yui yui |
| 暮れて帰れば やれほに ひきとめる | Kurete kaereba yarehoni hiki tomeru | Eu te seguro quando retorno ao entardecer |
| マタハーリヌ ツィンダラ カヌシャマヨ | Matahaari nu tsindara kanushamayo | Matahaari nu tsindara kanushamayo |
| さあ 嬉し恥ずかし 浮名を立てて | Saa ureshi hazukashi ukina o tatete | Ah, tão feliz, tão envergonhada de ter um nome de infidelidade |
| サー ユイユイ | Saa yui yui | Saa yui yui |
| 主は白百合 やれほに ままならぬ | Nushi wa shirayuri yarehoni mama naranu | Meu marido é como um lírio branco, mas demais para eu controlar |
| マタハーリヌ ツィンダラ カヌシャマヨ | Matahaari nu tsindara kanushamayo | Matahaari nu tsindara kanushamayo |

| | | |
|-------------------------|--|---|
| さあ 田草取るなら 十六夜月よ | Saa tagusa toru nara izayoi tsukiyo | Ah, depois de trabalhar no campo debaixo da lua de dezesseis dias, |
| サー ユイユイ | Saa, yui yui | Saa, yui yui |
| 二人で 気兼ねも やれ ほに 水いらず | Futari de kigane mo yarehoni mizu irazu | Nós dois estamos sozinhos, mas pre- sos de certa forma |
| マタハーリヌ ツィンダ ラ カヌシャマヨ | Matahaari nu tsinda- ra kanushamayo | Matahaari nu tsin- dara kanushamayo |
| さあ 染めてあげましょ 紺地の小袖 | Saa somete agemasho konji no kosode | Tingi, para você, este quimono azul escuro |
| サー ユイユイ | Saa, yui yui | Saa, yui yui |
| かけて おくれよ 情けの襷 | Kakete okureyo na- sake no tasuki | Por favor, vista-o como um símbo- lo do meu afeto |
| マタハーリヌ ツィンダ ラ カヌシャマヨ | Matahaari nu tsinda- ra kanushamayo | Matahaari nu tsin- dara kanushamayo |
| さあ 沖縄よいとこ 一度はメンソーレ | Saa Okinawa yoitoko ichido wa mensoore | Ah, bem-vin- do a Okinawa, |
| サー ユイユイ | Saa, yui yui | Saa, yui yui |
| 春夏秋冬 みどりの島よ | Haru natsu aki fuyu midori no shima yo | A ilha [que permanece] verde pelas das quatro estações, primavera, verão, outono e inverno |
| マタハーリヌ ツィンダ ラ カヌシャマヨ | Matahaari nu tsinda- ra kanushamayo | Matahaari nu tsin- dara kanushamayo |

Quadro 3 – *Asadoya Yunta* em japonês. Fonte: <https://plaza.rakuten.co.jp/machaguwa/2002/>. Romanização e tradução da autora. Revisão da romanização e da tradução por Rodrygo Tanaka.

Curiosamente, no último verso, a música dá boas vindas ao ouvinte a Okinawa. Ora em japonês, pedindo que venha a Okinawa (沖縄よいとこ一度はお出で), Okinawa yoitoko ichido wa oide), ora fazendo uso intermitente do Uchinaaguchi (ウチナーよいとこ一度はメンソーレ, Uchinaa yoitoko ichido wa mensoore)⁵, que também difere do Yaimamuni.

⁵ “Uchinaa” ou “Utiná” (ウチナー) refere-se à ilha de Okinawa. De acordo com Laís Miwa Higa (2015), “é o nome íntimo, interno ao grupo, o nome popular e nativo da ilha... Uchina evoca a imagem do povo, da família. É o tempo biográfico, do parentesco e da descendência, mas também o da inclusão” (p. 137). “Mensoore” (メンソーレ) é uma expressão de boas vindas em Uchinaaguchi.

A primeira versão de *Asadoya Yunta* inteiramente em japonês foi produzida em 1934, quando a gravadora Columbia Nippon decidiu inserir a música okinawana no mercado japonês (GILLAN, 2008). Dado que, após a anexação ao Japão, Okinawa se tornou um ponto turístico e uma espécie de refúgio da vida moderna (um “lugar nativo”, *furusato*) para os japoneses (TANJI, 2012), a transformação de *Asadoya Yunta* num *slogan* turístico a ser comercializado ganha um significado estratégico.

Na versão original, *Asadoya* nu Kuyama personifica o sentimento de insubordinação dos povos de Ryukyu para com o governo japonês. Dispostas até mesmo a romper com a tradição confucionista, as populações minorizadas rejeitam a imposição de um novo modelo de vida. Porém, quando a música é reinterpretada em japonês, a negociação cultural é feita em termos desproporcionais, sem que Okinawa tenha autonomia. Assim, a “tradução” assume uma função tática de esvaziamento de sentido, apagamento cultural, silenciamento e mercantilização, contribuindo para o “multiculturalismo cosmético” japonês⁶.

5 O significado de *Asadoya Yunta* para a diáspora okinawana

Mesmo despida de seu significado original, *Asadoya Yunta* é uma das músicas mais conhecidas pela diáspora okinawana devido à sua grande comercialização. A versão em japonês ganha um novo significado quando removida da territorialidade do conflito entre o Japão e Ryukyu; ela se torna uma canção que une gerações ao redor do mundo e que nos conecta a Uchinaa.

Desde os primórdios da imigração japonesa no Brasil, havia uma linha étnica que separava os japoneses Yamato dos imigrantes okinawanos. Mori (2003) descreve a transformação de okinawanos em “japoneses”: quando imigrantes – tanto Yamatonchu quanto Uchinanchu – começaram a fugir das condições precárias de trabalho nas plantações de café, okinawanos foram o bode expiatório do governo japonês. Acusados de serem “preguiçosos”, a emigração de Okinawa para o Brasil foi desestimulada e informalmente proibida; perante a discriminação institucionalizada, okinawanos pretenderam “tornar-se” não apenas japoneses, mas também “brasileiros”, investindo esforço institucional através das associações para estimular a comunidade a adotar uma certa postura de assimilação. Porém, ao longo das décadas, além das mudanças no discurso popular em torno de etnicidades, a ascensão social e econômica de descendentes de

⁶ Segundo a definição de Tessa Morris-Suzuki: “[o multiculturalismo japonês é] uma forma disfarçada de nacionalismo ou culturalismo indulgente. A diversidade cultural é exaltada e consumida num nível superficial, enquanto as reivindicações por direitos políticos e econômicos dos portadores destas alteridades culturais são frequentemente ignoradas” (apud TANJI, 2012, p. 116).

Okinawa permite uma nova perspectiva da população geral sobre o grupo, mas também permitem o “retorno” a Uchinaa. Este movimento de deslocamento – muitas vezes motivado por questões espirituais, para “transferir” o túmulo da família para o Brasil – marca uma nova forma de perceber a etnicidade okinawana e a identidade Uchinanchu.

Assim, pode-se dizer que, quando *Asadoya Yunta* é comercializada dentro do Japão, a frase “bem-vindo a Okinawa”, tanto em japonês quanto em Uchinaaguchi, convida a mercantilização cultural das ilhas de Ryukyu como destino turístico, um “passado vivo” exótico e desprovido de autodeterminação. No entanto, quando direcionadas à diáspora, as boas vindas de *Asadoya Yunta* expressam a chamada de volta para Ryukyu/Uchinaa. Este aspecto identitário da música faz com que ela tenha a potencialidade de representar um forte senso Uchinanchu/Shimanchu, adquirindo, novamente, o caráter de desafio à colonização japonesa.

6 Considerações Finais

Sendo a tradução de textos criativos sempre uma recriação autônoma, mas recíproca para com o original (CAMPOS, 2006), o diálogo estabelecido entre *Asadoya Yunta* e sua “tradução” é carregado de violência; nele estão implícitos processos históricos de ocupação, subjugação e colonização. Há um interesse, por parte da força dominante, em omitir vozes antagônicas à sua agenda política, fortalecendo a narrativa de homogeneidade do Estado-nação e a supremacia de uma cultura sobre a outra.

Porém, os movimentos imigratórios não devem ser excluídos deste argumento. Nesses deslocamentos, a identidade okinawana é revivida, retomando e instrumentalizando o não pertencimento como singularidade e senso de comunidade. Ademais, o caso estudado pode ser enquadrado na emergente discussão sobre apropriação cultural, onde uma forma de expressão culturalmente específica é condenada enquanto pertencente à demografia minorizada, mas é celebrada ao ser reconfigurada em benefício do poder hegemônico.

REFERÊNCIAS

- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- CAMPOS, Haroldo de. **Metalinguagem & outras metas**: ensaios de teoria e crítica literária. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- GILLAN, Matt. Treasures of the Island People: tradition and modernity in Yaeyaman pop mu-

sic. In: **Asian Music**, Vol. 39, No. 1, pp. 42-68. 2008.

HEINRICH, Patrick; BAIRON, Fija. “Wanne Uchinanchu – I am Okinawan.”: Japan, the US and Okinawa’s Endangered Languages. **The Asia-pacific Journal: Japan Focus**. [S. l.]. 3 nov. 2007. Disponível em: <https://apjff.org/-Patrick-Heinrich/2586/article.html>. Acesso em: 25 fev. 2019.

HIGA, Laís Miwa. **Umi nu Kanata – Do Outro Lado do Mar: história e diferença na “comunidade okinawana brasileira”**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social) – USP. São Paulo, 2015.

KENSEI, Yoshida. US Bases, Japan and the Reality of Okinawa as a Military Colony. In: **The Asia-Pacific Journal: Japan Focus**, Vol. 6, No. 8. 2008. Disponível em: <https://apjff.org/-Yoshida-Kensei/2857/article.html>. Acesso em: 23 fev. 2019.

KERR, George H. **Okinawa: The history of an island people**. Singapura: Tuttle Publishing, 2000.

McCORMACK, Gavan; NORIMATSU, Satoko Oka. **Resistant Islands: Okinawa confronts Japan and the United States**. 2ª ed. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, Inc., 2018.

MORI, Koichi. Identity Transformations among Okinawans and Their Descendants in Brazil. In: LESSER, Jeffrey (Ed.). **Searching for Home Abroad: Japanese Brazilians and Transnationalism**. Middletown: Duke University Press, 2003. p. 47-65.

MOSELEY, Christopher (ed.). **Atlas of the World’s Languages in Danger**, 3ª ed. Paris: UNESCO Publishing, 2010. Versão online: <http://www.unesco.org/culture/en/endangeredlanguages/atlas>. Acesso em: 22 fev. 2019.

NAKAYAMA, Risa. Autonomy through Traditional Performing Arts: The Use of Okinawan and Japanese Music in the Screen Version of The Teahouse of the August Moon. 映画研究 (**Cinema Studies**). vol. 9, p. 22-43. 25 dez. 2017. Disponível em: https://www.jstage.jst.go.jp/article/jscsj/9/0/9_22/article/-char/ja/. Acesso em: 26 fev. 2019.

OKAMOTO, Hiromichi. Structural Transformation of Ryukyu Kingdom in the 17th and Early 18th Centuries: As an Intersection of Cultural Interaction. In: **Cultural Reproduction on its Interface: From the Perspectives of Text, Diplomacy, Otherness, and Tea in East Asia**: 3-17, 2010.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: Princípios e procedimentos**. 5. ed. Campinas: Pontes, 2003.

SAID, Edward. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SERED, Susan. **Women of the Sacred Groves: Divine Priestesses of Okinawa**. Nova Iorque: Oxford University Press, 1999.

TANJI, Miyume. Rethinking resistance in everyday Okinawa: diaspora, transformation and minor literature. In: **Asian Studies Review**, Vol. 36, pp. 105-117. Março de 2012.

UEMURA, Hideaki. The Colonial Annexation of Okinawa and the Logic of International Law: The Formation of an ‘Indigenous People’ in East Asia. In: **Japanese Studies**, Vol. 23, No. 2, setembro de 2003.

YOKOTA, Ryan Masaaki. Reversion-Era Proposals for Okinawan Regional Autonomy. In: IACOBELLI, Pedro; MATSUDA, Hiroko (Ed.). **Rethinking Postwar Okinawa: Beyond American Occupation**. Lanham: Lexington Books, 2017. Cap. 4. p. 59-79.

GLOSSÁRIO

Além de ser redigido em português, este artigo trabalha com três línguas diferentes: japonês, Yaimamuni e Uchinaaguchi. Optei pelo uso das designações identitárias próprias às línguas minorizadas, mas a aplicação dos termos pode ser fluida, especialmente sob a condição diaspórica. Para melhor compreensão, seguem definições empregadas ao longo do texto.

Okinawa (沖縄): utilizo o termo para designar a província de Okinawa (Okinawa-ken, 沖縄県). Quando referente à ilha de Okinawa, especificarei com (Uchinaa).

Okinawanos: no contexto japonês, abarca todas as culturas da província de Okinawa. No contexto brasileiro, torna-se sinônimo de Uchinanchu, dado que a maior parte dos imigrantes de Okinawa são originários da ilha de Okinawa (Uchinaa).

Ryukyu: normalmente referente às ilhas de Ryukyu; utilizo o termo para designar o território do antigo Reino de Ryukyu, que inclui a província de Okinawa.

Shimanchu (島ンチュ): “pessoa(s) da(s) ilha(s)”; referente a todos os povos de Ryukyu em contraste com o Japão, mas usado mais comumente entre pessoas das ilhas Yaeyama.

Uchinaa (ウチナー): ilha de Okinawa, a maior de Ryukyu. Abriga a capital da província, Naha. De acordo com Laís Miwa Higa (2015), “é o nome íntimo, interno ao grupo, o nome popular e nativo da ilha... *Uchina* evoca a imagem do povo, da família. É o tempo biográfico, do parentesco e da descendência, mas também o da inclusão” (p. 137).

Uchinaaguchi (ウチナーグチ): “língua de Uchinaa”.

Uchinanchu (ウチナアンチュ): “pessoa(s) de Uchinaa”.

Yaimamuni (ヤイマムニ): língua das ilhas Yaeyama.

Yamato (大和): etnia majoritária do Japão; também referente ao Japão.

Yamatonchu (大和ンチュ): “pessoa(s) de Yamato”; utilizado por okinawanos.

Asadoya Yunta: from resisting to loving the colonizer

Abstract: Folk songs commonly express widespread sentiments among those who create and interpret them; they may carry the spirit of celebrations and rituals, or convey hardship and political resistance. *Asadoya Yunta*, from the Yaeyama Islands (Okinawa), is an example of generalized dissatisfaction toward Japan’s colonial endeavors, particularly during the 19th century; however, once the song is translated to Japanese, the anticolonial theme disappears, and is replaced by a love song, harmless in its contents. Thus, through the case study of *Asadoya Yunta*, this work intends to demonstrate how the removal of contextual elements from creative texts serves a strategic purpose within asymmetric power relations, stripping the text of meaning, and depoliticizing its message.

Keywords: Cultural appropriation; Colonialism; Okinawa; Ryukyuan languages.

Submetido em 27 de fevereiro de 2019

Aprovado em 01 de fevereiro de 2020